



A LITERATURA DE CORDEL NA PARAÍBA: NOVO SÉCULO, NOVOS (AS) AUTORES (AS)

Autor: Gabriele de Oliveira Souza¹; Orientador: Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, UFCG

Resumo: A Literatura de cordel tem se mostrado bastante dinâmica neste início de século. Novos autores, de diferentes lugares, têm surgido no estado da Paraíba. Visando conhecer e catalogar a produção de cordel deste início de século, estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa (PIBIC- 2017-2018) em que além do levantamento dos (as) novos(as) autores, analisamos as obras observando temáticas, procedimentos formais, dentre outras questões. O estudo fundamenta-se nas contribuições teóricas de Ayala (1997), Abreu (1999), Luyten (1983), no que se refere à concepção mais ampla de Literatura de cordel e em Xidieh (1976) e Kunz (2001) que refletem sobre a cultura popular de modo geral. Também nos apoiamos em Sobrinho (2003) e Diégues Junior (2012) sobretudo buscando ligações da produção contemporânea de folhetos com os denominados ciclos temáticos. Os resultados parciais revelam que, se temos por lado um número significativo de novos(as) autores(as), trilhando caminhos peculiares, por outro lado, não há uma articulação entre os autores. Esta desarticulação favorece a pouca visibilidade deste trabalho, sobretudo nas produções advindas das pequenas cidades. Também se observar uma certa continuidade nas temáticas, embora haja algumas novidades.

Palavras-chave: Literatura de cordel; novos autores; poesia popular paraibana.

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é uma manifestação da cultura popular, que teve seu início na Europa, e tinha como características enredos cheios de batalhas e heroísmos. Essa literatura atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil por volta do século XVIII (ABREU, 1999). Hoje, a literatura de cordel é conhecida em todo o país, porém é no Nordeste que a produção de folhetos ocorre de forma mais intensa. Com isso, muitos são os nomes de nordestinos que se tornaram consagrados na literatura de cordel, dentre eles destacam-se os percussores, Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde, poetas que contribuíram diretamente com a consolidação do formato de folheto no Brasil e sua propagação.

Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo o início da publicação sistemática de folhetos, o que antes era de costume anotar as composições em tiras de papel, passou a ganhar forma impressa e público leitor. João Martins de Athayde, por sua vez, teve o fundamental

¹ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa, UAL, UFCG. Campina Grande, PB. E-mail:

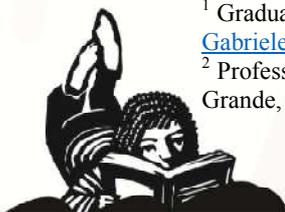
Gabrielesouza.cg@gmail.com

² Professor de Literatura Brasileira, UFCG. Professor Doutor em Literatura Brasileira, UAL, UFCG. Campina Grande, PB. E-mail: helder.pinalves@gmail.com

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

papel na definição das formas de edição dos folhetos, algo que, embora tenha mudado algumas coisas, perpetua-se até os dias atuais. Parte significativa desta literatura, que percorre todo o século XX, está catalogada em bibliotecas, como a da Fundação Rui Barbosa, no Rio de Janeiro e na Biblioteca Átila de Almeida, na Universidade Estadual da Paraíba. Destaca-se, nesse sentido, a antologia organizada por Manuel Cavalcanti Proença (1986) em que estão os presentes clássicos do cordel brasileiro, como: *A Chegada De Lampião Ao Inferno*, de José Pacheco, *Romance Do Pavão Misterioso*, de João Camelo De Melo Rezende e outros demais nomes.

É válido considerar os nomes que têm surgido e que vêm compondo atualmente essa realidade, sendo eles testemunhas de todo um percurso histórico dessa literatura. Torna-se necessário a realização de um estudo mais detido sobre esses nomes e suas produções, atentando-se para as características, influências sofridas e suas possíveis referências temáticas. É inegável que vasta é a produção de folhetos na atualidade com poetas que se encontraram no caminho dos versos e que fizeram das palavras a sua maior aliada. Em decorrência de inúmeras mudanças que, por conta do tempo, essa literatura sofreu não se pode dizer que ela não sofreu modificações.

Composta por temas dos mais variados até adaptações de produções clássicas de folhetos, é assim que é permeada a diversidade de temáticas voltadas para o cordel atualmente. Regida em uma vasta tradição por uma gama de ciclos temáticos (DIÉGUES JUNIOR, 2012) em que estão presentes desde a romances, contos maravilhosos, estórias de animais e até anti-heróis, dentre outros. Além disto, no âmbito do circunstancial, pode-se incluir acontecidos de natureza física, como enchentes, secas, cheias, bem como qualquer outro assunto que seja de repercussão social.

Na Paraíba, esse cenário também se adéqua a sua realidade; vários são os nomes de poetas paraibanos que escrevem e publicam folhetos que abordam temas dos mais variados, contribuindo assim para com que a literatura de cordel continue viva e atuante no país. No entanto, toda esta produção se dá de forma desordenada, sem uma ligação entre autores ou mesmo de discussão, troca de experiências e divulgação das produções.

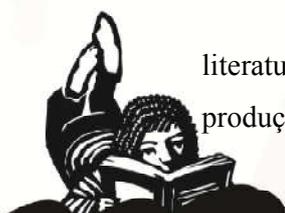
OBJETIVOS

Tem-se como objetivo realizar um levantamento de poetas que compõem o cenário da literatura de cordel na Paraíba atualmente. E em seguida, realizar uma catalogação de suas produções. Ao decorrer desse percurso, torna-se fundamental a leitura desses folhetos, se

(83) 3322.3222

enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

detendo sobre a escrita de cada poeta ou poetisa e as suas características mais recorrentes, bem como também as temáticas predominantes em seus escritos. Em seguida, também se tem como finalidade, a realização de uma análise sobre uma produção específica de cada poeta ou poetisa, almejando relacionar com todo o aporte de leitura dos folhetos que fora feito inicialmente. Essa pesquisa dá continuidade de outra, que fora realizada em anos anteriores³, entretanto, por esse motivo, salienta-se a importância de permanecer em busca de outros nomes de poetas e poetisas que também produzem folhetos.

METODOLOGIA

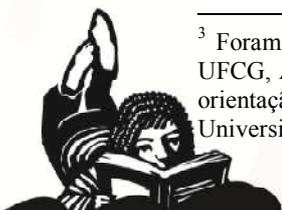
O percurso metodológico adotado é constituído basicamente por três momentos que se interligam ao decorrer de toda a pesquisa. Inicialmente, foram realizadas leituras teóricas, visando uma fundamentação em pesquisadores que aprofundaram a concepção de cultura popular (XIDIEH, 1976; AYALA, 1997), no nascimento do cordel brasileiro (ABREU, 1999), nas particularidades dessa literatura enquanto manifestação cultural (LUYTEN, 1941; PINHEIRO, 2011; KUNZ, 2001), e os ciclos temáticos (ALVES SOBRINHO, 2003; DIÉGUES JUNIOR, 2012) fizeram parte da composição teórica desse percurso.

Também foram realizadas a leitura de folhetos clássicos da literatura de cordel, tais como: *A Chegada De Lampião Ao Inferno*, de José Pacheco; *O Romance Do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende; *O Cavalo Que Defecava Dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros; *História Do Valente Vilela*, de João Martins de Athayde e dentre outros folhetos que eram referidos nos textos teóricos.

Esse primeiro momento teve como objetivo fundamentar teoricamente a pesquisa, e, portanto, também foram lidos Relatórios de pesquisas anteriores, que contribuíram com o conhecimento sobre outros poetas paraibanos que produzem folhetos na região, intensificando ainda mais a busca por novos nomes. Em um segundo momento, foi feito um levantamento de alguns cordelistas do estado da Paraíba, tudo com o objetivo de realizar uma catalogação de suas produções.

Realizou-se também uma procura por nomes e referências de poetas e poetisas sobre os quais não se tinha conhecimento, almejando logo depois também fazer um apanhado geral de suas produções para a pesquisa. No terceiro momento, procedeu-se à leitura de folhetos de

³ Foram duas as pesquisas realizadas anteriormente, ambas desenvolvidas pelos alunos do curso de Letras da UFCG, Alyere Silva Farias e, posteriormente, pelo aluno Arinelio Lacerda Junior. As duas pesquisas tiveram a orientação do professor de Literatura Brasileira, José Helder Pinheiro Alves, atualmente professor da Universidade Federal de Campina Grande.





dois poetas e em seguida foi escolhido um folheto de cada um deles para uma análise mais detida.

RESULTADOS PARCIAIS

Durante seis meses, a pesquisa se deteve inicialmente na fundamentação teórica sobre a literatura de cordel. A seguir o levantamento de obras de um poeta da cidade de Campina Grande e de um casal de poetas residentes do município de Esperança, na Paraíba. Dividindo nesse caso os resultados parciais em dois momentos, sendo eles:

1. Leituras Teóricas

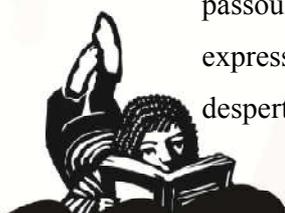
Se tratando de cultura popular, Xidieh (1976) enfatiza a sua importância na construção de um povo, no seu desenvolvimento e em seus aspectos sociais. A noção de cultura por ele é definida como:

Um conjunto de traços e padrões materiais e espirituais, formulados socialmente, transmitidos de geração para geração como meio de socialização e de controle social. (XIDIEH, 1976. p. 2)

Referindo-se então à cultura popular, é pertinente considerar que não sendo mais a ideia de cultura primitiva, ela é perpetuada pelos seus inúmeros traços, descobertas e padrões, tendo então a literatura de cordel como um exemplo disso.

A Literatura de Cordel teve grande expansão no Nordeste brasileiro. O talento de poetas populares que encontraram nos versos uma forma de expressar suas vivências e opiniões é algo que perdura até os dias atuais. É inegável que a nova geração de poetas populares, que escrevem cordéis, traz consigo uma enorme bagagem literária, contribuindo para com a valorização da cultura popular e a continuidade da composição desse cenário. Ayala (1997) afirma que a poesia nordestina quer escrita, quer oral, tem em sua composição uma complexidade desafiadora, justamente pelo fato dela possuir uma carga histórica e cultural gigantesca, que influencia diretamente no que ela é atualmente.

Sabe-se que essa literatura está ligada diretamente a tradições europeias, por muito tempo isso foi algo mais evidente de acordo com as particularidades de certas temáticas. Entretanto, conforme Luyten (1983) essa realidade mudou, e o folheto de cordel nordestino passou a servir como alternativa de voz e de finalidade social; o poeta logo começou a expressar a suas angústias, alegrias, desejos e até renúncias, perpassando pela oralidade e despertando ainda mais o olhar popular e acessível para todos.





VII ENLIJE

Segundo Luyten (1983), a literatura de cordel, ao longo dos anos, sofreu mudanças, estando elas não inteiramente ligadas à sua estrutura, mas a sua composição. Hoje, ela é veículo de reivindicações de cunho social e político, as temáticas são cada vez mais inovadoras, a participação, por sua vez, é direta. Já se foi o tempo em que o poeta popular se referia a princesas e valeiros, portanto, é pertinente considerar que houve mudanças importantes nessa literatura nos últimos anos.

A diversidade de temáticas presentes nessa manifestação cultural favorecem a criação de uma calcinação denominada ciclos temáticos, enfatizada por Diégues Junior (2012), que considera que as modificações realizadas por cada poeta nas temáticas de seus folhetos são decorrentes de sua época, bem como também do momento histórico que vive.

Nesse sentido, o talento de poetas populares no Nordeste brasileiro é decorrente de uma realidade dolorosa em tempos passados, sendo eles testemunhos e representantes dessa região que tanto passou por dificuldades, logo Kunz (2001) considera e nomeia isso como uma “revanche poética”, que se constituiu na capacidade de reparar momentos vivenciados pelo poeta e eles influenciarem diretamente na sua produção. Por assim dizer, na Paraíba, esse cenário literário vem ganhando uma nova geração de poetas populares na região, enriquecendo com isso ainda mais a cultura popular paraibana.

As formas de divulgação que tem sido utilizadas ultimamente pelos poetas são das mais variadas, desde ao uso de plataformas digitais até cantorias por toda a cidade em praças, eventos ou escolas, tornando-se espaços privilegiados e meios de divulgação das produções. Com isso, é perceptível que o acesso a literatura de cordel pode ser considerado no momento como algo amplo, ou seja, o que antes já era acessível, hoje está ainda mais. Nesse sentido, é pertinente considerar o quanto elementos da cultura popular, como o folheto, tem ganhado espaço nas mais variadas plataformas de informação.

Um fato marcante é que antes de todos esses meios de propagação e acesso, as formas de divulgações adotadas pelos poetas eram outras, e que variavam das mais diversas maneiras. A recitação e leitura dos versos nas feiras, as cantorias em violas, o tom bom humorado e a boa conversa, eram todos instrumentos e estratégias adotadas como uma forma de estimular a venda dos folhetos. Abreu (1999) evidencia que isso era uma prática muito recorrente e eficaz para época, que servia também de aporte para a divulgação da obra.

Passou-se o tempo, mas a tradição do folheto de cordel é algo que tem sido transmitido de geração para geração, a grandiosidade das diversas produções compostas pelos mais

(83) 3322.3222

ta@enlije.com.br

www.enlije.com.br





variadas temáticas é algo que cresceu e tem repercutido no cenário da literatura popular de cordel atualmente. Na Paraíba, esse percurso também acontece, assume novas formas, resiste e também se modifica.

Por assim dizer, reparar essas novas vozes que surgem nesse cenário literário no estado é também ter a oportunidade de perceber essas mudanças, mas além de tudo dar visibilidade para essas produções que tem mantido uma tradição da cultura popular viva e atuante na sociedade. Nesse sentido, isso contribui para com a percepção da composição do folheto e das inúmeras vozes que, de forma atemporal, registram os seus versos de maneira poética e ativa através da Literatura de Cordel.

A poesia popular nordestina, especialmente o folheto, tem características próprias que a ligam e a diferenciam de forma particular e efetiva, tanto pela sua estrutura quanto pela sua linguagem. Alves Sobrinho (2003), em uma reunião de textos de cantadores, repentistas e poetas populares, traz à tona a noção do quanto essa variabilidade ocorre e altera-se com o passar do tempo e das vivências que exercem de certa maneira uma influência na vida dos poetas, atribuindo a sua literatura particularidades de escrita capazes de variar de autor para autor.

Assim, são pertinentes estudos que se voltem para detectar as novas influências, temáticas, novos públicos, novas formas e veículos de divulgação que estão sendo adotados ultimamente pelas novas vozes de poetas populares, tendo enfoque, nesse caso, para os que compõem o cenário da Literatura de Cordel na Paraíba.

2. Primeiros autores catalogados

MELO, Rafael de Araújo

Rafael de Araújo Melo, também conhecido como Rafael Poeta, é natural de São José da Mata, distrito de Campina Grande. Por ter nascido em uma família com vários tios declamadores, o poeta herdou o apreço pela poesia. E é em decorrência disso, que ele escreve e recita poemas desde os seus 5 anos de idade, sendo esse fato de grande contribuição para os mais de 100 poemas que por ele foram escritos, sendo eles não necessariamente folhetos.

Atualmente, o poeta possui um significativo número de publicações de folhetos, sendo mais de 10 títulos publicados. As temáticas mais recorrentes em seus cordéis geralmente estão ligadas à tradição da cultura nordestina, mas também se permite escrever sobre outros temas em poemas avulsos que faz. Rafael Melo é jornalista, e também é graduado em Letras pela



Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), unindo com isso o seu gosto pela literatura e narração de histórias.

Segue abaixo a relação de folhetos publicados.

- *Onde Você Esconde o Seu Racismo* – (2009)
- *Ó, Campina Sesquicentenária!* – (2014)
- *O Vaqueiro Valente* – (2014)
- *Hospital Pedro Primeiro* – (2014)
- *Jubileu de Ouro da Igreja de Nossa Senhora das Dores* – (2015)
- *A Boneca Que Tinha Uma Praça* – (2015)
- *O Casamento Do Poeta Com a Poesia* – (s/d)
- *Baiões de Dois* – (2016)
- *Ode a Manoel Monteiro* – (2016)
- *O Dia Em Que o Saci Perdeu a Perna* – (2017)
- *Vovó Loló* – (2017)

Boa parte de seus folhetos são compostos por sextilhas e setilhas. As temáticas mais recorrentes adotadas por Rafael Melo são de caráter histórico, que valorizem a tradição nordestina, e de aventuras; entretanto, é pertinente considerar que muitos são os folhetos em que ele oscila entre as duas. Ou seja, que começa com uma temática histórica, mas que no desenrolar da narrativa apresenta aventuras vivenciadas pelas personagens, tornando-se capaz de envolver o leitor naquele acontecimento. Assim sendo, pode-se considerar que a temáticas predominante na maioria de seus folhetos estaria ligada diretamente ao que Diégues Junior (2012) denomina como “folheto de circunstância”, como os folhetos: *Onde Você Esconde o Seu Racismo* (2009), *Ó, Campina Sesquicentenária* (2014) *O Vaqueiro Valente* (2014) e entre outros demais folhetos do poeta.

Outro tema interessante é a retomada inventiva do folclore que ocorre em *O Dia Em Que o Saci Perdeu a Perna*, publicada no ano de 2017, que apresenta em sua composição um contexto lúdico, característica muito comum nos escritos de Rafael Melo. O cordel relata uma festa que se passa no distrito de São José da Mata, em Campina Grande, com a personagem do Saci que, em decorrência de suas traquinagens, perdeu a outra perna.

O enredo narra a festa feita por Guilherme Leão, o rei da floresta, que convidou inúmeros personagens do folclore brasileiro para fazer parte da festança, tudo isso regado a muita música e dança. O Urubu correio anunciou a mensagem e, como a notícia era boa, logo todos ficaram sabendo, personagens como o Lobisomem, a Comadre Florzinha, Caipora, Boitátá, Mula Sem Cabeça e a Iara faziam parte dessa narrativa poética, aceitaram o convite e foram para a festa. Entretanto, não esperavam que seriam vítimas das traquinagens do Saci, responsável por uma grande confusão na história que envolveu boa parte dos personagens.





Porém, a Iara, ressentida com ele, o denunciou à “Lei Iara da Penha”, e por conta de toda essa confusão, o Saci terminou perdendo a perna que ainda lhe restara para nunca mais fazer traquinagens. Logo depois, a Caipora, ainda chateada com o Saci por conta da confusão causada por ele, arrancou-lhe as mãos para que assim aprendesse a lição.

Essa narrativa poética tem como a personagem central o Saci, responsável para todo o conflito existente no folheto, listando consequentemente até algumas traquinagens feitas pela personagem antes de chegar à festa. Dessa maneira, em cada estrofe pertencente ao folheto, é narrada toda a história e, consequentemente, características de cada um dos mitos do folclore brasileiro que também são, ao mesmo tempo, personagens da narrativa, cabendo destacar que a cada descrição existe certa adaptação de alguns dos personagens por parte do poeta.

Figura 1



Araújo (2017)

O folheto apresenta uma perspectiva lúdica, com uma história instigante. Sendo possível perceber a inventividade Rafael Melo para com a personagem do Saci, adaptando-a ao folheto, e com isso realizando uma relação entre a literatura de cordel e o folclore brasileiro. É fato que é algo inegável a contribuição do poeta e o quanto a sua produção faz com que o horizonte literário da literatura popular na Paraíba perdure por um bom tempo e passe de geração para geração, mantendo atuante essa tradição popular. Outro aspecto a ser destacado neste folheto é a possibilidade de ser levado à escola e abordado numa perspectiva transdisciplinar.

ROCHA, Fernando e BEZERRA, Marinalva

Fernando Rocha dos Santos e Marinalva Bezerra de Menezes Santos são naturais da cidade de Esperança, na Paraíba. Conforme consta em alguns de seus folhetos, ela que é socióloga e professora e ele ativista cultural, ambos são casados e formam a dupla Macambira e Querindina. Desde 2003, passaram a escrever em versos e logo começaram a publicar os seus primeiros cordéis. Sempre atuante em seus folhetos, são mais que personagens da história, são os responsáveis por toda a desenvoltura do seu enredo.





VII ENLIJE

Os poetas fazem uso de um carro para fazer suas viagens, que nomeado pela alcunha de “*mala-móvel*”. É preciso evidenciar que ele passa a exercer muitas vezes a função de personagem de muitas histórias e a sua presença percorre por vários folhetos. Visto sempre como um companheiro fiel e essencial para as aventuras e situações complicadas, praticamente sem saídas, de Macambira e Querindina. É pertinente considerar que o *mala-móvel* não é um carro comum, existe no caso uma relação de afetividade e apreço por ele e por todas as aventuras vivenciadas por Macambira e Querindina que, graças ao *mala-móvel*, puderam acontecer.

1- Mala-móvel foi o nome
Que ao carro demos
Apresentá-lo a você
É isso que nós queremos
Pra juntos risadas dar
Cuidado para não engasgar
Com os fatos que contaremos

(Estrofe retirada do folheto *Desventuras No Mala-Móvel*, 2012)

Boa parte dos folhetos possuem sextilhas, porém apresenta também algumas produções com estrofes de sete versos, fazendo uso da setilha. Apresentando nos seus escritos uma composição de perspectiva lúdica que permeiam toda a narrativa do folheto, Macambira e Querindina trazem finais inesperados e em boa parte, um caráter didático, ou seja, uma “lição de moral” no final da história.

Com um total de 28 títulos já publicados, as temáticas mais recorrentes em seus folhetos são voltadas para adaptações de contos clássicos da literatura infantil, homenagens a escritores e poetas, aventuras de Macambira vivenciadas com Querindina e mala-móvel, que variam entre fatos verídicos ou não, críticas sociais, e temas de conscientização e ficção. Segue abaixo o nome de folhetos da dupla de poetas a que se teve acesso.

- *As Desventuras No Mala Móvel* (2012)
- *A Morte Dos Imortais* (2014)
- *A Revolução Na Floresta* (2014)
- *Dinheiro E Poder É Tudo?* (2012)
- *Drummond: Uma Pedra Preciosa* (2012)
- *Ei, Psiu! O Mundo Tá Se Acabando* (2012)
- *Juma: A Onça Que A Tocha Matou* (2016)
- *No Dia Dos Namorados* (2005)
- *O Estacionamento* (2011)

Se tratando de predominâncias temáticas, é possível considerar que as mais recorrentes nos folhetos lidos são circunstanciais, que se ligam de certa forma a tradição dos ciclos

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br

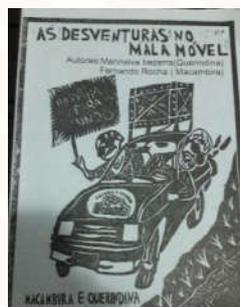


temáticos. Considerando que boa parte se baseiam em histórias que envolvam questões sociais que geraram certas repercussões, bem como também narrem aventuras com enfoque para uma perspectiva lúdica em seus versos, como é o caso do folheto *O Estacionamento* (2011).

A poesia desses poetas volta-se, muitas vezes, para temáticas de conteúdo escolar, como nos folhetos: *Ei, Psiu! O Mundo Tá Se Acabando* (2012) e *A Revolução Na Floresta* (2014), que apresentam temáticas ecológicas. Entretanto, memoriais e folhetos dedicados exclusivamente a nomes da literatura brasileira também é algo que permeia as suas produções, discorrendo sobre as contribuições desses nomes, citando algumas de suas obras e até algumas de suas vivências com a literatura dos nomes homenageados em seus folhetos, isso é presente nas seguintes produções: *Drummond: Uma Pedra Preciosa* (2012) e *A Morte Dos Imortais* (2014).

Nessa perspectiva, considerando as predominâncias temáticas, como é o caso de histórias de aventuras permeadas por perspectivas lúdicas de cunho circunstancial, tem-se como exemplo de folheto *As Desventuras No Mala Móvel*.

Figura 2



Rocha e Bezerra (2012)

Nele se faz presente um conjunto de vivências e momentos de sufoco, mas também de complicações que Macambira e Querindina passaram com o carro em muitas de suas viagens. De maneira lúdica, é descrito à ida a cidade de Campina Grande em visita ao São João, o que o carro por conta do tempo e modelo, acabava não resistindo ao percurso e terminava parando na estrada. A história conta também com a presença de sujeitos moradores de cidades circunvizinhas, como Lagoa de Roça e Lagoa Seca, locais que o *Mala-móvel* também passou e parou. Segue abaixo uma estrofe do folheto que evidencie esse fato:

30 - Por duas vezes o carro
Aos pés do Cristo pifou
Foi em Lagoa de Roça





VII ENLIJE

Que o Mala-móvel ficou
Estacionado no posto
Quase morrem de desgosto
O coração quase parou

A estrofe acima traz à tona um dos momentos que o Mala-móvel parou no meio do percurso. Após todas as idas e vindas do carro, Macambira resolve levá-lo a oficina na tentativa de melhorar um pouco a situação que o carro se encontrava. O folheto de cordel *As Desventuras No Mala-móvel* (2012) é predominantemente lúdico, as descrições dos momentos de muito trabalho e aventuras passados com o Mala-móvel são permeadas pelo bom humor. Assim sendo, Macambira e Querindina apresentam características particulares e diferenciadas do que comumente se encontra na literatura de cordel, sendo nomes que exercem uma peculiaridade e uma enorme contribuição para a composição desse cenário literário.

CONCLUSÕES PARCIAIS

O cenário da literatura de cordel na Paraíba atualmente é permeado por um mosaico de nomes, que contribuem para com a visibilidade e o crescimento dessa produção no estado. Foi possível perceber que não existe uma articulação entre os autores. Esta desarticulação favorece a pouca visibilidade dessas produções, sobretudo nas que são feitas nas pequenas cidades do estado.

Ao decorrer da pesquisa pode-se perceber a variedade de folhetos que dialogam diretamente com assuntos escolares e que abordam questões pertencentes a um mesmo ciclo temático, acarretando a existência de produções voltadas mais à tradição, seguindo então certa continuidade de abordagens. Entretanto, é válido ressaltar que de certa forma existem algumas novidades nas produções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

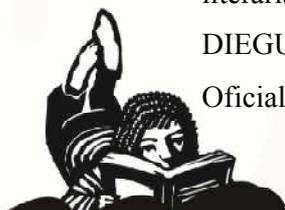
ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALVES SOBRINHOS, José. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003. 250p.

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. **Literatura e sociedade**: revista de teoria literária e literatura comparada, São Paulo, USP, 1997, p. 160-169.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

GALVÃO, Ana M. de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêtica, 2001.

PINHEIRO, Helder. (org.) **Pesquisa Em Literatura**. 2. Ed. Campina Grande: Bagagem, 2011. 184p.

KUNZ, Martine. **Cordel: A voz do verso**. Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. 111p. (Coleção Outras Histórias, 6)

LUYTEN, Joseph Maria, 1941- **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção primeiros passos; 317)

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Cultura Popular**. In: ____ et al. Feira nacional de cultura popular. São Paulo: SESC, 1976, p. 1-6.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br

